

# DE MALINOWSKI AOS PÓS-MODERNOS: UMA BREVE REFLEXÃO ACERCA DA PESQUISA ETNOGRÁFICA NA ANTROPOLOGIA

Vanessa Silva dos Santos<sup>1</sup>

*Resumo:* O presente ensaio busca refletir acerca do método etnográfico elaborado por Bronislaw Malinowski (1976 [1922]), enfatizando as contribuições do autor, sem perder de vista as dinâmicas que vêm ocorrendo no tipo de análise por ele inaugurada. Esse texto resulta de uma revisão bibliográfica, ao revisitarmos alguns dos vários autores que vêm se debruçando analiticamente sobre o método etnográfico e a pesquisa de campo. Dessa forma, defendemos as contribuições metodológicas sistematizadas por Malinowski, sem perder de vista as críticas contemporâneas acerca dos limites dessa obra.

*Palavras-Chave:* Pesquisa de campo, Método etnográfico, Malinowski, Estudos contemporâneos.

*Abstract:* This essay aims to reflect on the ethnographic method developed by Bronislaw Malinowski (1976 [1922]) highlighting the author's contributions, but also stressing the dynamics unfolding in the kind of analysis he initiated. This work results from a literature review and revision some of the various authors who have analyzed the ethnographic procedures and field research. Thus we argue for Malinowski's systematic methodological contributions without losing sight of the contemporary critiques on the limits of his work.

*Keywords:* Fieldwork, Ethnographic method, Malinowski, Contemporary studies.

## INTRODUÇÃO

Propomos neste ensaio refletir acerca da pesquisa de campo e os dilemas do método etnográfico, das elaborações clássicas de Malinowski (1976 [1922]) aos estudos críticos contemporâneos em suas novas propostas para a elaboração do texto etnográfico. Tendo como objetivo enfatizar as contribuições de Malinowski — mais especificamente de sua pesquisa de campo entre os povos trobriandeses — é que tentaremos nos debruçar sobre a rigorosa elaboração do autor no que se refere ao método e objeto de estudo da ciência antropológica.

---

<sup>1</sup> Cientista Social pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas (ICS/UFAL); mestre pelo Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe (NPPA/UFS); Professora Substituta no Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Endereço eletrônico: vsilva santos1@gmail.com.

Porém, antes esclarecemos nossa não pretensão em elaborar um apanhado detalhado da trajetória da pesquisa de campo etnográfica ao longo da história de desenvolvimento da ciência antropológica, já que para tal precisaríamos de melhor conhecimento da obra malinowskiana e maior aprofundamento dos teóricos contemporâneos. Nos limitaremos, em nossa proposta, em pontilhar algumas linhas mais gerais de como a pesquisa de campo e a etnografia, inaugurada metodicamente por Malinowski, continuam nos sendo valiosas mesmo no atual contexto de crítica e análise dos pressupostos metodológicos da antropologia.

No decorrer do texto procuraremos enfatizar os caminhos pelos quais tais problemáticas se deslocaram da pretensa busca por objetividade científica — visto que durante décadas os relatos de tais povos ficaram a mercê de interpretações construídas sem orientação científica —, em uma preocupação por fazer do relato etnográfico a possibilidade das sociedades estudadas se pronunciarem, na famosa expressão “dar voz ao nativo”.

O que aparece na crítica pós-moderna como certo engodo, ao se propor maior esforço em construir um relato etnográfico, que seja mais que uma interpretação “por cima dos ombros”, ao modo de Geertz (1978), mas que antes possibilite um diálogo, ao mesmo tempo em que faça existir no texto uma polifonia ou um caráter de heteroglossia (CLIFFORD, 1998).

O que percebemos até aqui de modo prévio é que não existe entre os antropólogos uma ideia coesa quanto aos meios concretos para a realização da pesquisa etnográfica ou a fórmula da qual derive o seu melhor resultado — seja na questão da pesquisa de campo ou na finalização desta quando da realização do texto final —, apesar da antropologia contemporânea estar a se debruçar criticamente acerca de tal prática.

Além disso, acreditamos ser possível, através da releitura dos textos clássicos — seja em termos teóricos seja enquanto guias empíricos —, a construção de uma análise etnográfica que dê conta das necessidades e dinâmicas pelas quais determinados traços da investigação e elaboração dos textos antropológicos anseiam — dentre os quais cite-se de passagem: os tipos de sociedades complexas com as quais lidamos na atualidade. Para tal, deve-se levar em consideração tanto as extensas obras clássicas quanto o contexto dos posicionamentos políticos do pesquisador e da sociedade analisada.

## 1 DA CONTRIBUIÇÃO DE MALINOWSKI À CONSOLIDAÇÃO DO MÉTODO ETNOGRÁFICO

Considerado o grande responsável pela legitimidade científica da pesquisa etnográfica, Malinowski (1976 [1922]) revolucionou a abordagem antropológica ao elaborar um rigoroso método de análise dos fenômenos sociais. Sua análise confrontou o paradigma até então vigente, segundo o qual as teorias eram elaboradas no conforto do gabinete meramente a partir dos relatos de viajantes sem treino acadêmico, tal como se processava na distinção entre antropólogo e etnólogo (CLIFFORD, 1998).

O antropólogo, treinado academicamente e dominando as teorias da disciplina, era encarregado de analisar os dados recolhidos em campo à luz da teoria antropológica, sendo responsabilidade do etnólogo acumular o máximo de informações na aventura de convívio com o exótico. Este último, porém, não tinha o menor treino científico quanto ao tipo de dado a coletar em campo, nem orientação metodológica quanto aos cuidados necessários no processamento das informações coletadas entre os nativos.

A partir da contribuição malinowskiana, no entanto, irá se atentar por um olhar orientado segundo os pressupostos teóricos da própria disciplina científica da qual o pesquisador faz parte, não mais se guiando pelos relatos de missionários, viajantes e administradores, como era bastante comum na época.

Os dados que antes pareciam fragmentados ou sem sentido (DURHAM, 1986), graças à exterioridade causada pela não ida do antropólogo de gabinete ao campo, foram ganhando maior credibilidade científica à medida que o estudioso se depara com sistemas sociais discrepantes do seu, que parecem não só ter significado, mas também uma função, tal como estabeleceu Malinowski ao analisar o *Kula* entre os trobriandeses. — É de assinalar que daí deriva o uso do termo “funcionalismo” para a corrente que definia a estrutura social em termos de um organismo dentro do qual, cada órgão desempenha uma função para o funcionamento do todo.

Contudo, vale salientar que, apesar do reconhecimento de Malinowski pela comunidade científica no que tange à sua contribuição na revolução da pesquisa de campo, haviam pesquisas sendo desenvolvidas pelo norte-americano Franz Boas anteriormente ao nascimento de Malinowski, cujos trabalhos foram realizados entre os povos Kwakiutl na ilha Vancouver (STOCKING, 2004, p. 111).

Se a pesquisa de campo desenvolvida por Boas, segundo a metodologia da observação participante, tinha como “[...] técnica a pesquisa primária

com a coleta de textos — isto é, de material tradicional colhido de informantes indígenas individuais e registrado nas suas línguas nativas” (STOCKING, 2004, p. 113), a de Malinowski revolucionou os métodos e técnicas de pesquisa da etnografia antropológica ao atender principalmente para a necessidade da sistematização da experiência de forma científica.

Apesar de o método de Franz Boas ter sido considerado menos rigoroso, será a partir das contribuições de suas pesquisas etnográficas entre os índios do Canadá e dos Estados Unidos que o método etnográfico vai se consolidar na metade do século XX, principalmente na antropologia americana (STOCKING, 2004, p. 15), ainda que ele não tenha estruturado o método de forma tão precisa quanto Malinowski.

Ambos os estudiosos, bem como suas respectivas pesquisas, foram de grande valor para o que hoje nos propomos fazer e pensar sobre a pesquisa de campo e a elaboração etnográfica, visto que a partir de tais textos clássicos podemos atualmente realizar uma reanálise de seus métodos e teorias, bem como do próprio material coletado em campo na busca de aprimorar as práticas de campo que a etnografia contemporânea nos exige (PEIRANO, 1995).

No que concerne aos pontos que permeiam a obra malinowskiana, uma das questões enfatizadas por ele diz respeito à questão da pretensa estruturação dos métodos utilizados nas pesquisas antropológicas, já que era seu objetivo tentar estabelecer o *status* de cientificidade na disciplina que até então sofria pela fragmentação e falta de métodos confiáveis.

Será a autoridade do “estar lá e ter vivenciado a cultura distinta da sua” que a pesquisa de campo vai conferir ao agora autor-pesquisador a legitimidade científica de seu estudo, dentro dos pressupostos do método malinowskiano. Dentre outras, estas são preocupações que permeiam também os estudos clássicos da sociologia. Nesta, a questão metodológica e científica, se utilizando das ideias de Descartes, propõe o afastamento das pré-noções em relação ao objeto de estudo que nos propomos analisar, apesar de ser mais complicado libertar-se por conta do exacerbado desejo político e religioso que inunda o pesquisador (DURKHEIM, 1978).

Partindo da pesquisa de campo, Malinowski se utiliza da análise etnográfica, acreditando ser possível delinear ao máximo a realidade social e os modos de organização dos povos da ilha Trobriand, através da descrição e análise dos mais corriqueiros detalhes dos *imponderáveis da vida real* (MALINOWSKI, 1976 [1922], p. 29). Dessa forma, era possível descrever e

compreender, assim acreditava o autor, fielmente tanto a maneira como aquela cultura se organizava quanto eles se imaginavam.

Outra questão problematizada pelo autor — que pensamos ser ainda de grande valor para pesquisas desenvolvidas ou que se pretendem desenvolver na atualidade — se refere ao confronto da representação elaborada pelos indivíduos de sua própria cultura/sociedade em relação às suas práticas e ações em seu cotidiano, como bem destacou Eunice Durham (2004, p. 209): “A grande contribuição de Malinowski é a de ter sempre presente, em todos os momentos de análise, a integração entre ação e representação [...]”.

E Leach — aluno descendente da linhagem malinowskiana — segundo Lygia Sigaud (1996), parte da distinção de seu mestre “[...] ao sustentar que a análise estrutural de um sistema de parentesco e necessariamente uma discussão ideal e não do comportamento normal, ou ainda na descrição de sua pesquisa de campo, também citado por Sigaud que veremos a seguir:

[...] Leach descreve o funcionamento real de uma aldeia jinghpaw, mostrando que existe apenas uma correspondência aproximada entre a realidade e a situação ideal expressa ao nível da terminologia. Na conclusão, Leach retoma a crítica a Radcliffe-Brown, afirmando que o tipo de análise por ele preconizada postulada uma rigidez formal que ignora a prática, de tal forma que é necessário se perguntar em que medida os comportamentos verdadeiros estão representados pelas simplificações formais (SIGAUD, 1996, p. 22).

De forma geral, a grande diferença que marca o estudo de Malinowski se refere à sua defesa por um intenso trabalho de campo, investido do aprendizado da língua nativa. Com a coleta de dados diretamente da fonte era possível ao pesquisador partilhar da cultura dos povos os quais pretendia analisar em decorrência do longo período em que esteve *in loco*. Para o autor, seria necessário ao pesquisador familiarizar-se com as ações mais corriqueiras do nativo, bem como levantar problemas no decorrer da pesquisa. Acrescente-se ainda como sendo também papel do etnógrafo analisar todos os fenômenos de determinada sociedade de modo geral, sem privilegiar ações que lhe parecessem exóticas, em contraposição ao que faziam os evolucionistas ao refletir somente sobre alguns fenômenos dos povos ditos “primitivos”.

São estes alguns, dentre os principais, pressupostos indispensáveis da teoria antropológica malinowskiana; modelo elaborado e empregado por ele ao buscar colocar-se na pele do nativo, como se, aprender a língua e compartilhar do convívio da sociedade estudada, o permitisse, de alguma

forma, sentir-se um deles ou o legitimasse a falar em nome destes, graças a uma pretensa compreensão privilegiada da vida social daqueles.

Outro clássico da literatura antropológica, com cujas ideias compartilhamos, é Evans-Pritchard (2005 [1872]), que enfatiza, no apêndice IV de seu livro sobre os povos Azande, a não existência de fórmulas para a realização da pesquisa de campo, assim como também a necessidade de um rigoroso treinamento na teoria antropológica pelo pesquisador, ao alegar: “É preciso saber exatamente o que se quer saber, e isso só poderá ser conseguido graças a um treinamento sistemático em antropologia social acadêmica” (p. 244).

Contudo, segundo pode aparentar, existe certa ambiguidade na citação anterior, quando Evans-Pritchard sugere ao pesquisador, que este já tenha em mente, antes de sua estadia em campo, exatamente o tipo de problema que pretende solucionar, ou mais precisamente, buscar hipoteticamente ao se propor elaborar determinada pesquisa etnográfica, visto que veremos mais adiante que sua pesquisa entre os Azande tomou um novo rumo a partir das crenças deste povo. Neste sentido específico, é de se considerar a centralidade dos fenômenos empíricos, diante do que o próprio autor relatou sobre o rumo posterior tomado por sua pesquisa ao chegar em campo, já que a decisão de investigar a magia azande — sobre a qual ele não tinha interesse — foi orientada a partir do interesse Azande sobre essa questão. Dessa forma, esse fator se configurou como o estopim responsável para Evans-Pritchard passar a se debruçar sobre o fenômeno e tentar compreendê-lo à luz da vida da sociedade Azande.

Vale salientar, contudo, que, ao optarmos em analisar determinado fenômeno, cuja centralidade/importância se coloca para determinada sociedade na qual se pesquisa, não significa tomá-lo da forma exata como determinado povo o percebe ou explica; pensamos que haja aí enorme distância ou até possibilidade de uma distorção analítica.

Acrescentariamos, ainda, às preocupações de Evans-Pritchard, a necessidade de estarmos, enquanto pesquisadores e etnógrafos em formação, abertos para aquelas problemáticas das quais por vezes não nos aproximamos, se não por intermédio da incitação dos pesquisados. Daí então que decorre o atual questionamento acerca do fato de ter que dividir a “cena” do percurso da pesquisa de campo, bem como a elaboração do texto etnográfico com os indivíduos que estudamos e que compõem a elucidação dos fenômenos sociais, tal como enfatizado pelas críticas dos pós-modernos, de cujas abordagens trataremos celeremente mais adiante.

## 2 A CRÍTICA PÓS-MODERNA AO MÉTODO ETNOGRÁFICO

Nossa orientação neste tópico segue principalmente as ideias defendidas por Mariza Peirano (1995), à medida que ela nos proporciona embasamento para o que enfatizamos no decorrer do ensaio: a ainda pertinente contribuição dos escritos clássicos para as pesquisas na atualidade, no caso aqui especialmente o método etnográfico de Malinowski. Não queremos com isso rejeitar as sérias críticas — e também a superação de alguns pontos de análises — que podem ser encontradas nos autores denominados de pós-modernos: James Clifford (1998), Paul Rabinow (1991), George Marcus (1991). Dentre as críticas empreendidas por estes autores aos pressupostos etnográficos modernos, destaca-se a tentativa de desmontar a pretensa compreensão absoluta dos fenômenos sociais por parte de teóricos modernos, bem como a legitimidade da autoria nos relatos etnográficos. Os estudiosos ditos pós-modernos propõem metodologias para que se leve em consideração o papel desempenhado pelos povos/grupos estudados na efetivação da pesquisa etnográfica e na elaboração do texto final.

Se o fazer antropológico, em termos de seus enfoque de estudos, foi marcado pela análise dos povos ditos “primitivos” durante a expansão do colonialismo — quando os povos civilizados se encontravam em condições e sentiam-se no direito de explorar e categorizar os povos tradicionais a partir de seus costumes e crenças —, a situação inverte-se quando tais povos começam a se emancipar. A partir deste momento, vem à baila o objeto de estudo da antropologia, passando-se a questionar seus métodos, já que estes são os meios pelos quais se dão o estabelecimento e a legitimidade da disciplina enquanto ciência.

E ainda, voltando às contribuições dos pressupostos malinowskianos, enfatizamos a preocupação do autor, que, assim como os teóricos contemporâneos, já apontava para a necessidade de os antropólogos atentarem para as condições em que se dava a construção etnográfica (MALINOWSKI, 1976 [1922], p. 22), não sendo possível ignorar nem os métodos empregados para a realização da pesquisa nem os dados sensíveis da experiência empírica pela qual passava o pesquisador em campo sendo suas conclusões parte desta relação dialética.

E é a partir tanto desta crença na contribuição do funcionalismo malinowskiano quanto na fecunda crítica pós-moderna, que tentaremos aqui realizar um debate com vistas a tratar do método etnográfico, no que diz respeito à elaboração e à autoridade etnográfica, bem como da relação

entre pesquisador e sociedade pesquisada, por serem estes os pontos centrais nos questionamentos da antropologia pós-moderna.

Os modelos dos textos etnográficos propostos pelos estudiosos contemporâneos — diferentemente dos empregados pelos antropólogos modernos — tentam quebrar com a pretensa verdade absoluta dos estudos, viés este que bem representa os resquícios característicos da corrente positivista. Os teóricos já citados acima vêm se preocupando, cada vez mais, com o caminho por intermédio do qual podemos tratar de uma construção científica em que se privilegie, por um lado, o pesquisador de campo e, por outro, os grupos sociais que nos propomos compreender.

Dessa forma, a argumentação de Geertz (1997), encabeçada desde o título de um dos seus textos, qual seja, “Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico” (p. 85-87), significa valiosa contribuição quanto à necessidade de considerarmos, como parte da construção antropológica, as representações nativas. Tal contribuição possibilita ainda encenar dinâmicas nas perspectivas de estudo do pesquisador, quanto à questão da autoridade etnográfica ou da cientificidade dos dados de campo, como tratado por Teresa P. Caldeira (1988).

A crítica amadurecida na atualidade por parte dos pós-modernos nos faz atentar para a necessidade de rever determinadas concepções e métodos, decorrentes da postura clássica, sem com isso perder de vista a gama de contribuições que incidem sobre o empenho dos autores modernos. Dessa forma, a ideia que defendemos é não cair no engodo de desqualificarmos, por completo, os extensos relatos dos textos clássicos, visto que o próprio material descritivo é rico, ao nos possibilitar fazer comparações, generalização a partir destes textos, ou até mesmo reanálises dos dados que desemboquem em caminhos diferentes daqueles encontrados por estes autores.

Outra corrente de estudo que nos auxilia na problematização dos métodos antropológicos contemporâneos se refere à hermenêutica, empregada pelos defensores do interpretativismo, mais especificamente por Geertz (1973), teórico norte-americano que melhor representa esta corrente de pensamento. Para este estudioso caberia aos antropólogos prezar pela interpretação das culturas, abandonando o desejo por leis gerais, já que, segundo ele, somente seria possível ao pesquisador fazer uma tradução das diferentes culturas a partir da interpretação dada pelos próprios grupos sobre a cultura da qual fazem parte.

Para a corrente de pensamento pós-moderna, como se percebe nas afirmações até aqui aferidas, as elaborações científicas são sempre provisórias ou indagações parciais. Ao contrário do que pregavam as correntes de pensamento evolucionista, funcionalista e estruturalistas — como problematiza Da Matta (1983) no texto que trata das contribuições do polêmico Edmund Leach.

Partindo das problemáticas que tratamos até agora, nos parece significativo ao antropólogo assumir hoje em dia a responsabilidade de que todo conhecimento científico é passível de ser reelaborado, principalmente a partir de análises em outro momento histórico, orientando-se por outras posições teóricas e com a renovação dos métodos para sua reinscrição.

Peirano (1995, p. 32) pontua esta questão com relação à tradição brasileira: “Especificamente penso que nossa tradição etnográfica se baseia, de forma equivocada, no princípio de que a criatividade pode superar a falta de disciplina e a carência de um *ethos* científico”. Segundo a crítica da autora, há um caráter no fazer etnográfico brasileiro que não considera o uso do guia teórico da antropologia, já que o conhecimento deste é indispensável à realização da pesquisa, desde a entrada em campo até a construção final do texto etnográfico, resultante de todo o processo de análise.

Retornamos aqui ao autor já citado, Evans-Pritchard, por acreditarmos que nos parece válido insistir no intuito de demonstrar que parte dos questionamentos pós-modernos já se encontravam entre os textos e pesquisas desenvolvidas pelos teóricos modernos. Na citação que segue, verificamos a experiência de Pritchard, ao reformular seu interesse de pesquisa segundo as crenças da sociedade pesquisada.

Eu não tinha interesse por bruxaria quando fui para o país Zande, mas os Azande tinham; e assim tive que me deixar guiar por eles. Não me interessava particularmente por vacas quando fui aos Nuer, mas os Nuer, sim; e assim tive aos poucos, querendo ou não, que me tornar um especialista em gados (EVANS-PRITCHARD, 1978, p. 245).

Vemos, na citação, como a análise etnográfica já caminhava rumo a uma dinamicidade da relação pesquisador-objeto à medida que o autor se deixa encaminhar, em seus problemas de pesquisa, pelos interesses dos Azande, pondo em xeque a pretensa decisão do antropólogo em determinar o fenômeno que se propõe a analisar em algumas situações da pesquisa de campo, daí acreditarmos na importância do conhecimento e no uso dos estudos clássicos ainda hoje.

Dessa maneira, a bagagem científica que nos acompanha ao campo de investigação deve ser agregada ou, quem sabe, até substituída pelos conceitos e interesses dos indivíduos que são objeto de estudo, mas sem perder de vista a orientação teórica dos conceitos antropológicos. Para sermos fiéis às explicações elaboradas por Peirano (1995) — quanto ao depoimento de Pritchard por ela citado —, esse tipo de ocasião nos possibilita realizar a sofisticação da teoria antropológica, cujo momento lhe impõe pensar novos métodos para lidar com a complexidade dos fenômenos sociais contemporâneos.

Até aqui nos parece legítimo defender a importância da pesquisa etnográfica para a construção e reconstrução das teorias e dos métodos da antropologia, já que esta ferramenta metodológica vem possibilitando a problematização de alguns autores (GEERTZ, 1978 [1973], 1997; CLIFFORD, 1998; CALDEIRA, 1998; RABINOW, 1992; CALDEIRA, 1988), no que tange à construção de uma relação dialógica entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados.

Voltando às ideias defendidas por Peirano, trazemos a citação abaixo, que se refere às possíveis e necessárias reanálises de estudos clássicos, como, por exemplo, a tentativa de lançar novo olhar aos dados determinados por uma perspectiva em voga na antropologia moderna, mas que atestam a contribuição destes estudos para pesquisadores que desejam atualizar tais informações a partir de uma reelaboração teórica. Vejamos o que nos diz a citação abaixo sobre a grande contribuição do *Kula* para estudos posteriores:

[...] as monografias são o que a disciplina guarda de mais precioso. A razão é óbvia: foi o *kula* de Malinowski que permitiu a Marcel Mauss conceber o “fato social total” e ajudou a Karl Polany a discernir a “grande transformação” no Ocidente (PEIRANO, 1995, p. 45).

E ainda, segundo a autora, “Nomes conhecidos, que um dia foram criticados e combatidos, frequentemente são incorporados nas gerações seguintes porque, relidos, revelam riquezas antes desconhecidas” (Id., p. 46). Nas duas citações anteriores nos fica clara a defesa da importância de revisitarmos os clássicos. E indispensável uma boa formação teórica, incluindo tais clássicos até os conceitos e as críticas contemporâneas.

Peirano nos dá um dos mais fecundos caminhos para a elaboração etnográfica, apesar da crença em não existirem fórmulas para a pesquisa de campo, nem para o fazer etnográfico. A autora nos propõe uma análise

crítica das ideias produzidas atualmente pelos estudiosos denominados de pós-modernos — graças ao esquecimento de alguns na consideração das contribuições clássicas —, ao mesmo tempo ela nos alerta para a necessidade de que não basta somente a leitura de tais textos, sendo necessário também uma reanálise deles.

Se este não é um dos caminhos possíveis para a preparação daqueles que pretendem iniciar a análise antropológica, qual o seria então? Por fim, e mais uma vez, defendemos a necessidade de uma rigorosa formação com base nos textos tradicionais da disciplina, acompanhado do esclarecedor método que confronta ação *versus* representação, tal como proposto por Malinowski. E, ainda, mas sem esgotar as possibilidades, pensamos na perspectiva de pesquisa, conforme citação abaixo, que trata dos pressupostos pós-modernos:

[...] o autor não se esconde para afirmar sua autoridade científica, mas se mostra para dispersar sua autoridade; não analisa, apenas sugere e provoca. Com isto, a concepção do leitor muda radicalmente: ele não é mais aquele que se informa, mas deve ser agora participante ativo na construção do sentido do texto, que apenas sugere conexões de sentido (CALDEIRA, 1988, p. 142-143).

Como é defendido pelos estudos contemporâneos, parece existir uma indispensável ênfase na polifonia, como citado brevemente por Roberto C. de Oliveira no texto que reflete sobre o percurso histórico de desenvolvimento e consolidação da ciência antropológica. Mas, essa polifonia — que parece ser o método mais interessante da atual análise antropológica — pode vir a ser uma grande armadilha para a disciplina, como aponta o autor:

Essa defesa da polifonia, que evidente não é unânime na comunidade dos “interpretativistas” e talvez exprima suas posturas mais radicais, não obstante parece ser um dos desenvolvimentos mais interessantes dessa nova antropologia, se bem que possa resultar em seu desenvolvimento mais perverso (OLIVEIRA, 1988, p. 100-101).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que nosso objetivo inicial era delinear, de modo breve, como se deram as transformações ocorridas na perspectiva metodológica da pesquisa de campo etnográfica — desenvolvida pelos textos críticos da antropologia americana —, é que constatamos a contribuição ainda vigente de alguns pontos das proposições dos clássicos, tais como, Malinows-

ki, Boas, Pritchard. Todavia, os pressupostos críticos propostos pelos teóricos pós-modernos se fazem indispensáveis na elaboração de um método mais apropriado à análise etnográfica contemporânea.

Essa dinâmica sofrida pelo método etnográfico, ao longo da história da disciplina antropológica, resvala em outras ênfases, diferente da preocupação inicial aferida pelos pesquisadores clássicos quanto à busca por objetividade científica em seus estudos. Essa preocupação dos estudos modernos deu lugar a uma reflexão que se direciona para a problemática relação entre pesquisador e pesquisado, e a questão de como o antropólogo poderia dividir o “cenário” da prática antropológica com os sujeitos pesquisados, já que hoje reconhecemos a importância desses indivíduos na construção de nossas teorias.

Defendemos que as críticas pós-modernas dirigidas aos estudos modernos não colocam em xeque o valor e a contribuição que acreditamos terem tais estudos, ao passo que também não minimizam o caráter científico da disciplina, apesar das críticas aparentarem certo descrédito ao fazer etnográfico.

Como já foi tratado acima, o método de análise que evidencia a necessidade de um olhar atento do pesquisador sobre as ações e representações dos indivíduos durante as pesquisas de campo, apresentando enfaticamente por Malinowski, continua sendo — assim acreditamos — válido para as pesquisas antropológicas na contemporaneidade. Já a crença na possibilidade de colocar-se na “pele” do outro — por meio do compartilhamento da cultura desse último pelo pesquisador — deu lugar a um modelo de pesquisa em cujo bojo se busca uma compreensão parcial e temporal das diversas culturas existentes no mundo. Ao invés de se imaginar ser possível sentir-se o outro, é o momento de dar voz aos grupos estudados, admitindo que estes devam falar por si — tendo lugar reservado na elaboração e conclusão do texto antropológico —, ainda que o antropólogo ocupe o lugar de investigador/tradutor dessas sociedades.

Em suma, com base nos apontamentos dos autores até aqui citados, acreditamos, ainda que com algumas reservas, é verdade, que seja possível um fazer etnográfico a partir do desvencilhamento do caráter etnocêntrico, ao mesmo tempo em que é tarefa do pesquisador atentar para a tradução de culturas distintas da sua, mas realizando em campo uma mediação entre o *nós* e os *outros*, sendo assim possível um diálogo científico de base humanista-igualitário.

Seguindo as linhas dos estudiosos contemporâneos, nos aparece como um dos possíveis caminhos o texto etnográfico polifônico, no qual se enfatizam as várias vozes que compõem os grupos pesquisados em questão, sem com isso excluir o pesquisador, que deve se posicionar analiticamente no texto que é resultado do intercâmbio relacional entre este (pesquisador) e os povos pesquisados.

No atual contexto, passamos da observação participante malinowskiana ao encontro etnográfico, no qual se relacionam dialogicamente pesquisador e informante, ambos de culturas distintas. Nessa perspectiva não há só o interesse do antropólogo em captar um modo de vida distinto do seu, mas também um compreender a si e aos seus costumes a partir da alteridade (RABINOW, 1992), através da tentativa de negociar os diferentes modos de ser e pensar que se encontram durante a pesquisa de campo e a realização do texto etnográfico.

Finalizamos com a citação de Peirano, que trata da atual configuração da pesquisa antropológica, sem com isso deixar como possibilidade tantas outras facetas sobrepostas, as quais certamente ainda poderão surgir como traço essencial na elaboração do fazer etnográfico que apenas iniciou sua autocrítica.

Na antropologia a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia local da pesquisa (PEIRANO, 1995, p. 45).

## REFERÊNCIAS

- BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. 4. ed. Trad. Celso Castro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 21, p. 133-157, jul. 1988.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: OLIVEIRA, Ruth Corrêa Leite. *A aventura antropológica teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1895].
- EVANS-PRITCHARD, Edward E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azandes*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005 [1872].

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978 [1973].
- GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: Id. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 85-107.
- DA MATTA, Roberto. Repensando Edmund Leach. In: DA MATTA, Roberto. (Org.). *Leach*. Trad. Alba Zaluar Guimarães. Rio de Janeiro: Ática, 1983, p. 7-54. Col. Grandes Cientistas Sociais, 38.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do pacífico Ocidental: um relato dos empreendimentos e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné*. São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].
- MARCUS, George. *Problemas de la etnografía contemporánea em el mundo moderno*. Barcelona: Júcar, 1991.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. A categoria de (des)ordem e a pós-modernidade da antropologia. In: Id. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1998, p. 91-107.
- PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. In: Id. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p. 31-57.
- PEIRANO, Mariza. Os antropólogos e suas linhagens. In: Id. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- RABINOW, Paul. *Reflexiones sobre un trabajo de campo en Marruecos*. Madrid: Júcar, 1992.
- RABINOW, Paul. *Las representaciones son hechos sociales: modernidade y postmodernidad en la antropología*. Barcelona: Júcar, 1991.
- SIGAUD, Lygia. Apresentação. In: LEACH, Edmund Ronald. *Sistemas políticos da Alta Birmânia: um estudo da estrutura social Kachin*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 9-43.
- STOCKING, George Jr. Os pressupostos básicos da antropologia de Boas. In: Id. *Franz Boas: a formação da antropologia americana (1883-1911)*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.